ANO 36 — SÉRIE VI — Nº. 370 SETEMBRO DE 1966 — PREÇO: 1$00

GES PCP

Proletários de todos os países: UNI-VOS!

ÓRGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Do Programa do Partido:

«De todas as classes que participam no movimento democrático nacional, só o proletariado guiado pelo Partido Comunista e encarnando os interesses vitais das vastas massas populares está em condições de promover a união de todas as classes e camadas anti-monopolistas, de lhes dar um espírito organizador e um impulso revolucionário, de as conduzir à vitória contra a ditadura e de lutar consequentemente até ao fim pela realização de todos os objectivos fundamentais da revolução democrática e nacional.»

Reunião do Comité Central

COMUNICADO

No mês de Agosto de 1966, realizou-se uma reunião do Comité Central dedicada fundamentalmente à situação e problemas da vida interna e do desenvolvimento do Partido.

Debruçando-se duma forma crítica e auto-crítica sobre os problemas postos, o Comité Central verificou que as debilidades e dificuldades na vida do Partido analisadas pelo VIº congresso, não só até agora não foram vencidas, como se têm agravado.

Uma maior distância entre o Comité Central e a base do Partido e entre a base do Partido e a classe operária e as massas trabalhadoras; a absorção das energias dos organismos por problemas de defesa e problemas internos; a falta de iniciativa política; o enfraquecimento do papel directivo do Partido nas lutas de massas; a elaboração em abstracto de palavras de ordem e a sua não correspondência com a situação real; o risco de novos golpes de repressão; — são alguns dos aspectos mais graves dessas debilidades e dificuldades.

O Comité Central considera que, na raíz da situação que se atravessa, estão o agravamento da repressão, deficiências no trabalho de direcção, a não aplicação na actividade prática do Partido da orientação estabelecida, erros graves na política de quadros, designadamente na sua selecção e promoção, um defeituoso estilo de trabalho caracterizado pelo burocratismo e a rotina, repetidos e generalizados actos de indisciplina, processos inadequados de defesa e de organização.

O Comité Central considerou medidas urgentes para rectificar e vencer tais debilidades no trabalho partidário e abrir ao Partido uma nova fase de desenvolvimento.

Discutindo os problemas de direcção, o Comité Central tomou medidas para o fortalecimento do seu trabalho colectivo, para o estabelecimento de uma real unidade política e de uma real disciplina política em toda a acção prática, para a eficiência do trabalho directivo, para a participação activa dos militantes do Partido através das suas informações e opiniões na elaboração da orientação e directrizes gerais, para a eliminação dos métodos de trabalho burocráticos e rotineiros, para a criação dum novo estilo de trabalho, para mais dinamismo e mais iniciativa em toda a actividade partidária.

Discutindo o problema de quadros, o Comité Central tomou medidas para modificar e melhorar os métodos de tratamento dos problemas de quadros e da sua selecção e educação, salientando a importância decisiva do recrutamento e formação de quadros dirigentes da luta da classe operária e de todo o movimento de massas.

Discutindo o problema de defesa, o Comité Central tomou medidas para a eliminação do esquematismo, da irresponsabilidade e da indisciplina, para o abandono de processos inadequados, para a adopção prática de métodos de trabalho conspirativo que respondam à situação geral existente, para o reforço da disciplina, para a consideração do problema de defesa do Partido enquadrado nos métodos de trabalho de organização, na política de quadros e no trabalho de massas do Partido, para a luta contra a traição e os perigos de provocação.

Discutindo o problema de organização, o Comité Central che-gou à conclusão da necessidade duma profunda remodelação de métodos e processos, duma consideração atenta das dificuldades levantadas pelo peso do aparelho clandestino central (demasiado esquemático, fechado e absorvido por problemas internos), duma nova definição das tarefas e do tipo de trabalho dos funcionários, da variedade de processos, da concentração de forças nos pontos fundamentais.

O Comité Central, expondo perante o Partido e os trabalhadores a situação e as dificuldades actuais, sublinha que se impõe, em todos os domínios, um trabalho de fundo, seguro e a longo prazo, de que se não devem de momento esperar resultados espectaculares.

O Comité Central chama todo o Partido e os simpatizantes a darem a sua contribuição efectiva, confiante e corajosa à realização das tarefas que se impõem e sobre as quais serão dadas por via de organização indicações complementares.

Além dos problemas que constituíram o ponto principal da ordem de trabalhos e dum breve balanço da situação existente no movimento comunista internacional e das relações fraternais do Partido Comunista Português com numerosos Partidos irmãos, o Comité Central abordou algumas tarefas imediatas do Partido relativas à luta de massas, à unidade anti-fascista e ao movimento estudantil.

O Comité Central considera que as dificuldades que o Partido atravessa, não excluem, mas, pelo contrário, exigem da parte do Partido um grande esforço para orientar e organizar a classe operária e as massas populares na luta pelos seus interesses vitais imediatos, na luta contra o aumento do custo de vida, pelo aumento de salários, contra a guerra colonial, contra a repressão e pela amnistia, pela liberdade. A actividade de massas, a ligação dos militantes com a classe operária e as massas são além do mais, a melhor garantia de defesa do Partido, do recrutamento de militantes, da formação de quadros, do desenvolvimento da organização.

O Comité Central considera que factos recentes mostram um agravamento da situação económica nacional e da situação dos trabalhadores. Com o estabelecimento do imposto sobre as transacções, o governo decretou de facto, dum golpe, o aumento geral do custo de vida e a descida dos salários reais. Duma penada, o governo fascista anulou os aumentos nominais conseguidos nos últimos anos através da luta dos trabalhadores. Urge organizar uma verdadeira campanha nacional contra a subida do custo de vida e desenvolver de norte a sul do país a luta pelo aumento de salários.

O Comité Central, insiste na necessidade imperiosa da unidade dos sectores anti-fascistas. No momento actual existem condições favoráveis para o confronto de opiniões, a busca comum de soluções, a definição conjunta dos objectivos e das formas de acção imediata, o estabelecimento de acordos para o desenvolvimento da luta anti-fascista. O Comité Central aprovou medidas práticas para dar rápidos passos, aproveitando os elementos favoráveis da actual conjuntura.

O Comité Central considerou aspectos novos no movimento estudantil, problemas de orientação geral, importância e perspectivas do movimento unitário e formas de organização política, eventualidade duma imprensa clandestina, posição do Partido em relação a outras correntes políticas no sector estudantil. O Comité Central considera que a direcção fundamental do movimento estudantil continua a ser o amplo desenvolvimento da actividade associativa legal dos estudantes. Mas considera que todos os problemas existentes necessitam de estudo atento, por quanto falta uma orientação segura e existem muitas diferenças de opinião em vários sectores do movimento estudantil, em vários organismos responsáveis do Partido por esses sectores e na própria imprensa do Partido. O Comité Central coloca como tarefa imediata a realização dum debate dirigido, o confronto de opiniões sobre os múltiplos aspectos do movimento, a fim de num curto prazo, ser definida uma orientação que corresponda aos diversos e complexos aspectos da situação existente.

No momento actual a par da iniciativa política e do esforço pertinaz para o desenvolvimento das lutas de massas, impõe-se um grande esforço do Partido e de cada militante, esforço em muitos casos silencioso e paciente, para vencer as graves debilidades existentes e abrir ao Partido uma nova fase do seu desenvolvimento, de que depende largamente a ampliação e o sucesso da luta popular.

O Partido tem forças e recursos para realizar as tarefas a que se propõe. Orientado pela linha traçada pelo VIº Congresso, realizá-las-á com a unidade, com o esforço, com o espírito revolucionário, com a disciplina, com a iniciativa dos seu membros e com o largo apoio dos trabalhadores, da juventude, dos homens mais esclarecidos e corajosos de todas as camadas populares.

O Comité Central

do Partido Comunista Português

GES PCP

Há 24 anos morreu Bento Gonçalves

A 11 de Setembro de 1942 morria no campo de concentração do Tarrafal, BENTO GONÇALVES, secretário geral do Partido Comunista Português.

Os processos de morte lenta utilizados pelo fascismo roubaram aos trabalhadores um dirigente de incontestável valor político, que dedicou à luta de classe operária pela sua emancipação «não só os dias livres mas toda a sua vida».

Em 1929, contando apenas 26 anos de idade, este operário arsenalista lançou-se à pesada tarefa de reorganizar o Partido, orientando-o pelos princípios do marxismo-leninismo, tornando-o a vanguarda de luta do proletariado português, num momento em que as forças reaccionárias e fascistas se haviam assenhoreado do poder e as condições de vida do povo português suportavam um novo e pesado agravamento.

Inteiramente fiel aos interesses dos trabalhadores, Bento Gonçalves combateu os desvios que se manifestavam no movimento operário e que tendiam a manter o proletariado e as massas laboriosas sob a influência dos golpistas ou da colaboração de classes, quando não tendiam à prática do extremismo pequeno burguês e aventureiro. Lutou sempre contra as tentativas dos que queriam amarrar o Partido às tentativas de golpe de estado ou o pretendiam colocar como força secundária sob a direcção de correntes políticas que nada tinham a ver com os interesses da classe operária.

Lembremos aquele que, foi um grande exemplo de lutador, de dirigente comunista, que ligava à sua actividade diária uma firme vontade de saber, que se expressou na sua sólida cultura marxista, no trabalho prático do Partido, que ele criou e forjou. Homenageemos Bento Gonçalves.

Conserveiros! Reforçai a acção!

VINTE MIL TRABALHADORAS E TRABALHADORES DA INDÚSTRIA DAS CONSERVAS aguardam do patronato e do governo fascista que uma solução seja tomada, em resposta às reivindicações apresentadas: RENOVAÇÃO DO CONTRATO COLECTIVO, AUMENTO DE SALÁRIOS, REDUÇÃO DO HORÁRIO DE TRABALHO, PAGAMENTO DA PERCENTAGEM DAS HORAS EXTRAORDINÁRIAS, GARANTIA DE TRABALHO SEMANAL ASSEGURADO, FÉRIAS, ABONO, ASSISTÊNCIA MÉDICA E BENEFÍCIOS DA PREVIDÊNCIA PARA TODO O PESSOAL.

Dura há mais de três meses o período de espectativa. Ao acenarem com uma rápida solução, o patronato quis ganhar tempo, chegar ao período da safra com o pessoal suficiente para iniciar o trabalho nas fábricas, em pleno rendimento.

O que vão fazer as duas dezenas de milhar de conserveiras e conserveiros perante esta nítida manobra do patronato? Aguardar que dirigentes dos sindicatos, vendidos aos industriais, demovam estes das suas intenções ou convençam as autoridades fascistas? Nenhuma destas atitudes é o caminho. É A SUA LUTA ORGANIZADA E PERSISTENTE QUE LHES PERMITIRÁ VER SATISFEITOS OS SEUS PEDIDOS.

As condições actuais são particularmente favoráveis à luta das conserveiras. Intensifica-se o trabalho nas fábricas e os braços não abundam. O patronato busca lucros acrescidos à custa de um maior rendimento do pessoal. O descontentamento é evidente. Ombro com ombro, trabalhadores e trabalhadoras podem dar novo impulso à luta, fazer cumprir as promessas do patronato e das autoridades fascistas.

Só a melhor organização da luta, só a estreita ligação entre as operárias e operários da mesma empresa, do mesmo centro industrial, das conserveiras e conserveiras à escala do país vencerão a resistência do patronato e do fascismo e farão ouvir as justas reivindicações já formuladas.

Conserveiras e conserveiros! Insistí na acção. Concentrai-vos na empresa e no sindicato. Reforçai a vossa unidade e o vosso espírito de luta. Reduzi o rendimento do trabalho, se os vossos pedidos não forem atendidos. Organizai pequenas paralisações. Preparai a greve, essa poderosa arma da luta nas mãos dos trabalhadores.

O patronato e o fascismo cederão perante a vossa luta organizada, perante a vossa combatividade, perante a vossa união!

AJUDA O «AVANTE!» NA SUA TAREFA DE AGITAÇÃO E PROPAGANDA, DE ESCLARECIMENTO E DE ORIENTAÇÃO DO POVO PORTUGUÊS. NÃO O DESTRUAS. PASSA-O A UM COLEGA DE TRABALHO, ENVIA-O A UMA PESSOA SÉRIA, METE-O POR DEBAIXO DE UMA PORTA, DEITA-O NUMA CAIXA DE CORREIO, OU, SIMPLESMENTE, DEIXA-O CAÍDO JUNTO DE UMA FÁBRICA OU NUMA RUA ONDE SAIBAS QUE PASSAM TRABALHADORES.

SAUDAÇÕES DO COMITÉ CENTRAL

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou os seguintes telegramas às direcções do Partido dos Trabalhadores da República Democrática do Vietnam e da Frente Nacional de Libertação (FNL) do Vietnam do Sul:

Ao Comité Central do Partido dos Trabalhadores da República Democrática do Vietnam

Queridos amigos:

O Comité Central do Partido Comunista Português, reunido em Agosto de 1966, condena vigorosamente o agravamento da política de escalada, os actos de banditismo do governo americano e a intensificação dos criminosos bombardeamentos de aviões norte-americanos contra a população e o território da República Democrática do Vietnam. Pedimos que transmitam aos comunistas e trabalhadores do vosso país a total solidariedade e a firme certeza dos comunistas portugueses no triunfo do heróico combate do povo irmão do Vietnam sobre os agressores imperialistas americanos. Asseguramo-vos que tudo faremos dentro dos limites da nossa difícil situação sob uma ditadura fascista para desenvolver a acção de denúncia dos crimes de guerra americanos e apoiar o combate libertador do povo vietnamita, causa sagrada de todos os povos em luta pela independência, a paz e o socialismo.

Saudações comunistas

O Comité Central do Partido Comunista Português

À Frente Nacional de Libertação do Vietnam do Sul

Queridos camaradas:

O Comité Central do Partido Comunista Português, reunido em Agosto de 1966, saúda calorosamente em nome dos comunistas e da classe operária de Portugal a heróica luta do povo do Vietnam do Sul, conduzida pela FNL contra a criminosa agressão americana, pela completa independência da sua pátria. Pedimos que transmitam aos vossos combatentes a total solidariedade e a firme certeza dos comunistas portugueses na vitória final do povo do Vietnam sobre os agressores e os ocupantes imperialistas americanos. Asseguramo-vos que tudo faremos dentro dos limites da nossa difícil situação sob uma ditadura fascista para desenvolver a acção de denúncia dos crimes de guerra americanos e apoiar o combate libertador do povo do Vietnam, causa sagrada de todos os povos em luta pela independência, a paz e o socialismo.

Saudações fraternais

O Comité Central do Partido Comunista Português

O Comité Central do Partido Comunista Português enviou também telegramas fraternais às direcções do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC) e Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), em que saúda calorosamente os seus militantes, condena a política de guerra colonial do governo de Salazar que faz perigar a paz e a segurança do continente africano e contraria os profundos interesses do povo português e dos povos de Angola, Guiné e Moçambique que exigem o reconhecimento do seu direito à independência. O Comité Central do Partido Comunista Português assegura o MPLA, o PAIGC e a FRELIMO que, por sua parte, tudo continuará fazendo pelo desenvolvimento da efectiva solidariedade aos povos sob dominação colonial portuguesa, penhor do estabelecimento de futuras relações fraternas entre um Portugal livre e Angola, Guiné, Cabo Verde e Moçambique independentes.

A Frente Patriótica pratica uma política de unidade e acção

A Frente Patriótica de Libertação Nacional (FPLN) continua a desenvolver uma actividade sistemática e meritória, que serve a causa da Democracia e da Unidade Anti-Fascista.

Através da sua acção organizada, através dos seus jornais impressos, «LIBERDADE» e «PASSA PALAVRA», este último, órgão dos militares aderentes à FPLN, através dos microfones da «VOZ DA LIBERDADE», emissora da Frente Patriótica, bem como dos seus comunicados e circulares, esta organização unitária não cessa a luta contra a ditadura fascista.

Mas não é apenas desta maneira que serve a causa do povo português.

Serviu-a enviando à última **Conferência Internacional de Trabalho** um **Memorandum**, no qual denuncia a política anti-operária e anti-popular do governo fascista. Serviu-a enviando últimamente à **Holanda** e à **Dinamarca** uma delegação que se avistou com os principais partidos de ambos os países e divulgando a situação do povo português na imprensa e telvisão. Já anteriormente outra sua delegação obtivera grande êxito em França, onde desenvolveu uma actividade de esclarecimento sobre a situação política nacional junto dos **Partidos Comunista, Socialista, Radical, Federação Democrática e Socialista, Confederação Geral do Trabalho, União das Mulheres Francesas** e outras organizações democráticas

Depois do êxito de delegações da FPLN nas viagens a ITÁLIA, JUGOSLÁVIA e REPÚBLICA DEMOCRÁTICA ALEMÃ e do alto significado da sua presença em DAR-ES-SALAM, como observadora na CONFERÊNCIA DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DAS COLÓNIAS PORTUGUESAS, é toda uma actividade mostrando a crescente influência da FPLN nos meios internacionais, que é uma resultante da luta do povo e dos democratas portugueses e da acção de esclarecimento e de propaganda, que pelos seus próprios meios a Frente Patriótica vem desenvolvendo.

Mais Fundos

Milhares de simpatizantes, de homens e mulheres que admiram o corajoso combate dos comunistas pela democracia, o socialismo e a paz não são regularmente solicitados para ajudarem econòmicamente o Partido. Tomem-se pois medidas concretas para que operários, camponeses, intelectuais, mulheres, jovens, comerciantes e industriais o venham a fazer, contribuindo assim para que a organização partidária se fortaleça e a luta democrática avance.

Ao trabalho nesta frente de luta, camaradas e amigos!

40 ANOS DE FASCISMO!

24 ANOS DE PREVIDÊNCIA E ROUBO AOS TRABALHADORES!

Para os trabalhadores quase sem excepção, a Previdência Social fascista tem o significado de roubo, de organização de fachada onde tudo é mau, onde quase tudo está voltado para servir os monopólios e o fascismo e alimentar uma chusma de figurões da confiança do regime que se governam à grande com os dinheiros arrancados aos seus magros salários.

Naturalmente que não é ocasional o sentimento da classe operária para com a Previdência. Pela apresentação de alguns números fornecidos pela Estatística Oficial, compreender-se-á melhor a razão deste sentimento. O balanço das receitas e despesas referentes aos dois sectores mais importantes da Previdência, ou seja, Caixas Sindicais de Previdência e Caixas de Reforma ou Previdência desde 1941 a 1964 diz-nos que; em relação às primeiras, descontando os anos de 1946 e 1949 acerca dos quais a Estatística nada diz, a receita total foi de 15 milhões 344.995 contos, enquanto as despesas totais não foram além de 9 milhões 825.284 contos, quer dizer, elas absorveram sòmente 53 % das receitas. No que se refere às Caixas de Reforma ou Previdência encontram-se os seguintes números: receitas totais 18 milhões 658.204 contos enquanto as despesas somam 9 milhões 825.284 contos, quer dizer, que elas correspondem a cerca de 51 % das receitas.

Porém, o colossal burla que isto revela fica ainda mais à vista se se disser que andam pelos 34 milhões de contos as receitas arrecadadas nestes dois sectores da Previdência e que ficaram pelos 18 milhões as despesas! O que significa que sobe a cerca de 16 milhões de contos o roubo da camarilha governante feito aos trabalhadores abrangidos pelas Caixas mencionadas nestes 24 anos.

Para onde foram todos estes milhões de contos? Foram para o financiamento de grandes empresas capitalistas e em parte para os chamados Planos de Fomento, ou para a compra de títulos de Estado, tudo isto, como se sabe, destinado a servir os interesses e a política dos piores inimigos dos trabalhadores.

Não se pense no entanto que os 18 milhões de contos que somam as despesas reverteram na sua totalidade em benefício dos trabalhadores, pois só com as despesas de administração e outras não especificadas, onde se encobrem os tradicionais roubos, desfalques, etc, se gastaram 4 milhões 366.999 contos. Quer dizer, teòricamente as despesas com a Previdência pròpriamente dita, não chegaram aos 14 milhões de contos, ou seja, cerca de 40 % das receitas totais e mesmo nestas, quantas vigarices e roubalheiras estão encobertas? Difícil será saber-lo algum dia.

Uma coisa é certa; as receitas colossais, em aumento de ano para ano, podem permitir uma assistência condigna aos trabalhadores desde que, evidentemente, eles se unam e lutem consequentemente e pelas formas mais variadas para impedir que a camarilha governante desvie o dinheiro da Previdência para fins alheios à própria Previdência.

GES PCP

OS NOVOS IMPOSTOS AGRAVAM O CUSTO DE VIDA

À Escala do País Intensifiquemos a Luta Por Aumento de Salários

O novo imposto de transacções, recentemente lançado pelo governo de Salazar, sobre produtos de amplo consumo, importados do estrangeiro ou produzidos no país, elevou de um só golpe o custo de vida em 20 por cento, sem contar com o aumento que se vem processando, nestes últimos anos, sobre os preços dos produtos de primeira necessidade.

Não é apenas o jogo escuro dos monopólios e dos grandes armazenistas, protegidos pela organização corporativa que fomenta a alta dos preços. É o governo fascista, serventuário dos monopólios que abertamente faz crescer o custo de vida, lançando novas cargas fiscais, que pesam sobretudo sobre a classe operária e o povo trabalhador.

Em 1961, quando a guerra colonial começou, o governo de Salazar apressou-se a lançar novos impostos sobre artigos de amplo consumo, que iam de 10 a 20 por cento. O povo faz a guerra com o sangue dos seus filhos e deve pagá-la com os seus magros proventos.

O dinheiro arrancado aos salários de miséria e aos baixos ordenados mostrou-se insuficiente para sustentar a guerra de extermínio nas colónias. Surguiu agora o novo imposto sobre o valor das transacções. Extorquindo novas somas à bolsa minguada dos trabalhadores o governo não cuida de saber das suas consequências sobre a vida de centenas de milhar de famílias operárias, angustiadas pela miséria. De uma penada, o governo destruiu as pequenas melhorias de salários conseguidas pela luta persistente dos trabalhadores melhorias, que estavam longe de acompanhar a subida do custo de vida.

Receoso de uma nova vaga de lutas, provocada pela alta dos preços e pelo ridículo aumento do funcionalismo público o ministro da Economia apressa-se a definir a posição do governo em face da situação que se irá inevitàvelmente criar, numa entrevista ao **Diário de Lisboa** em 10 de Agosto último: «A proxima correcção dos vencimentos do funcionalismo público não pode ser invocada como fundamento legítimo de uma nova e generalizada elevação dos salários e ordenados pagos pelas actividades privadas».

O impertigado ministro de Salazar traça o novo plano de congelamento de salários. Mas não congela os lucros ascendentes dos capitalistas.

Podem os trabalhadores aceitar as novas medidas que lhes são impostas? Podem eles tolerar uma política de congelamento de salários, quando o governo fomenta descaradamente o aumento do custo de vida? É evidente que não. Se aumenta o custo de vida devem aumentar também os salários.

Será a luta organizada por empresa, por localidade, por região e à escala do país que imporá um novo aumento de salários, ao patronato, ao governo, às autoridades fascistas.

A unidade e a combatividade dos trabalhadores são condições indispensáveis para que alcancem novas vitórias.

A organização é uma outra arma da acção. Cabe aos trabalhadores criar os seus organismos de luta — comissões de unidade, sindicais, de classe — para que as acções reivindicativas contem com organismos de coordenação e de direcção.

Quanto mais unidos e mais bem organizados os trabalhadores se apresentarem, mais rápidos e seguros serão os seus êxitos.

Trabalhadores! Por todo o país, desenvolvamos novas e potentes acções de massas. O custo de vida aumentou. Os salários devem também ser aumentados.

Coruja de mau agoiro!

Na sua sã simplicidade, diz o nosso povo que as corujas são aves de mau agoiro que, quando piam adivinham mortes e que os mesmos bicheiros gostam de ir às igrejas beber azeite.

A que propósito vem isto? perguntarão os leitores. Isto vem a propósito do discurso do «presidente» da República quando da sua visita ao novo petroleiro «Jacinto». Piando soturnamente augurou o «presidente» uma nova guerra mundial, dizendo: «Devemos estar preparados para ela porque já estava mais longe do está que presentamente»!

O povo português já se habituou a ver em cada discurso do chamado chefe do Estado a que isto chegou, um amontoado de imbecilidades, mas esta ultrapassa tudo. Falar com tal avontade duma 3ª guerra mundial, que a desencadear-se viria a causar centenas de milhões de mortos e o desaparecimento de países inteiros, é mais do que dar mostras de irresponsabilidade, é pura estupidez. Naturalmente, quando o chamado presidente falou em guerra não estava a pensar nas terríveis calamidades que ela trará à humanidade, mas nos lucros que augura para a «Soponata», empresa que ele se afirma orgulhoso de ter fundado, e onde se diz ter largos capitais. Como a coruja, o incrível Tomás augura, milhões de mortes para se refestelar em azeite espremido dos lucros das «Soponatas» a que está ligado.

Mas a paz vencerá a guerra e a coruja do Tomás!

A VITÓRIA DOS FERROVIÁRIOS

Outras lutas

Aumentos de 11 a 15 por cento conquistaram os ferroviários. Foram mais de dois anos duma luta surda, variada e persistente, em vários locais de trabalho. Abaixo-assinados, concentrações, deligências junto dos sindicatos, da direcção da C.P. e do ministério das comunicações; protestos nos jornais, recurso à cera, despedimentos em massa para buscarem empregos mais rendosos foram as formas de luta utilizadas pelos ferroviários, para «convencerem» os tubarões da C.P. a concederem-lhe umas escassas migalhas dos lucros que auferem.

As últimas acções abarcaram milhares de trabalhadores. No distrito de Aveiro 1.100 ferroviários enviaram um abaixo-assinado à administração da C.P. reclamando aumento de salários. A administração recusou numa perfeita demonstração de que a harmonia de interesses entre operários e patrões existe apenas no arsenal de propaganda dos senhores do Estado Novo.

Os ferroviários utilizaram a «cera» como protesto contra a recusa e as manobras dos senhores da C.P., como forma de luta para fazerem ouvir as suas justas reivindicações.

O novo contrato colectivo constitui uma vitória dos ferroviários, mas está longe de os satisfaser. Os resultados obtidos não respondem às sua mais prementes aspirações.

Prosseguir na luta, organizar novas acções, criar organismos de unidade nos principais centros ferroviários, é fazer avançar a luta para novas e mais seguras vitórias.

Em **Freamunde (Paços de Ferreira)** os operários da **Trefilaria Menezes** uniram-se e lutaram com êxito contra as autoridades fascistas que pretendiam encerrar a empresa. Postados diante da fábrica, dispostos a resistir a todo o preço forçaram os fascistas a bater em retirada. E a fábrica voltou a funcionar.

Intensificam a acção reivindicativa os **motoristas**, perante as delongas que se manifestam na renovação do contrato colectivo. Os instrutores de automóveis elaboraram um abaixo-assinado que já foi entregue no ministério das Corporações e realizaram deligências junto dos sindicatos de Lisboa.

No Algarve, os **empregados de escritório** acabam de assinar um novo contrato colectivo, em que são atendidas algumas das reivindicações que vinham sendo formuladas. Mas os fascistas continuam a resitir às deligências realizadas por todos os **empregados de escritório do Sul** que reivindicam um novo contrato colectivo.

Os **ajudantes de farmácia** encontram-se igualmente em luta. Depois de terem escorraçado do seu sindicato a comissão administrativa e de elegerem uma direcção do seu agrado reclamam agora aumento de salário e novo contrato colectivo.

À demagogia fascista que pretende solucionar sem novos gastos o problema da carência de enfermeiros que se manifesta nos hospitais, respondem com uma acção reivindicativa concertada os ENFERMEIROS e ENFERMEIRAS, que reivindicam melhores salários, melhores condições de trabalho.

Lutam os PROFESSORES DO ENSINO PARTICULAR. Lutam as OPERÁRIAS TÊXTEIS, os CORTICEIROS, os OPERÁRIOS e OPERÁRIAS AGRÍCOLAS. Mas permanecem sem solução os seus problemas mais instantes. Os OPERÁRIOS METALÚRGICOS não vêem os salários aumentados quando as grandes empresas metalúrgicas estão em franco progresso. Os OPERÁRIOS DOS TABACOS da APT, da CUF, da INDÚSTRIA HOTELEIRA não renunciam à acção reivindicativa para que sejam atendidos os seus pedidos de aumento de salários, de melhores condições de vida.

Em frente, na acção, trabalhadores portugueses. Cresce o custo de vida. Os salários devem ser aumentados.

OS PORTUÁRIOS DE LISBOA À CONQUISTA DO CONTRATO DEFINITIVO

Aproxima-se a data prevista para o estabelecimento do contrato colectivo de trabalho que os portuários de Lisboa impuseram ao patronato através duma admirável greve às horas extraordinárias durante 4 semanas. O contrato que agora vigora é um provisório, arrancado pela luta e não totalmente satisfatório. Já depois do seu estabelecimento o custo de vida se agravou, em grande parte pela própria medida do governo de Salazar, ao lançar o novo imposto de transacções. Isto aponta aos portuários de Lisboa a necessidade de se organizarem, de elegerem representantes seus para trabalharem no Sindicato, para se dirigirem às autoridades, para marcarem no Sindicato reuniões da classe, etc., de forma a indicarem claramente as modificações que entendem deverem ser introduzidas no contrato definitivo, particularmente no que diz respeito aos salários, subsídios e condições de trabalho.

A luta que já travaram, a corajosa e valente greve que desencadearam, a forma como, unidos e firmes, fizeram face à repressão, às provocações e à demagogia, mostram que os portuários de Lisboa conhecem o caminho da vitória: organização — unidade — acção. Com eles estão homens da mesma classe espalhados por esse mundo fora, todos aqueles que já durante a greve lhes manifestaram a sua solidariedade, simpatia e admiração, e entre os quais não podemos deixar de realçar a Federação Sindical Mundial, a União Internacional dos Sidicatos dos Trabalhadores dos Transportes dos Portos e da Pesca, a Federação dos Trabalhadores dos Transportes e Comunicações da Checoslováquia e a Federação dos Sindicatos do Vietnam, de que, pelo seu significado, publicamos na íntegra o fraternal telegrama enviado da terra mártir vietnamita.

Em frente, portuários de Lisboa! O tempo urge! Lutai organizados e unidos e imporeis ao patronato as vossas justas reivindicações.

SOLIDARIEDDE DO VIETNAM MÁRTIR

Exprimimos completa solidariedade com os portuários de Lisboa em greve. Protestamos resolutamente contra os actos de repressão do governo de Salazar para com os trabalhadores portugueses em luta pelos interesses vitais. Exijimos do governo português o respeito pelos direitos sindicais, pelas liberdades democráticas e pela satisfação das justas reivindicações dos trabalhadores.

Federação dos Sindicatos do Vietnam

DE QUE SE MORRE EM PORTUGAL?

No ano de 1964, registaram-se 93.374 óbitos (números incompletos).

Vejamos quais as doenças que mais portugueses vitimaram: tuberculose: 2.341 (mais de 6 por dia); bronquite: 2.510 (cerca de 7 por dia); cirrose: 2.640 (mais de 7 por dia); doenças e lesões próprias da primeira infância: 5.129 (mais de 14 por dia); gastrite, duodenite, entrite e colite, excepto a diarreia do recém-nascido: 6.039 (mais de 16 por dia); pneumonia: 7.184 (cerca de 20 por dia); tumores malignos: 9.674 (mais de 26 por dia); doença arterioesclerótica e degenerativa do coração: 10.152 (cerca de 28 por dia); lesões vasculares afectando o sistema nervoso central: 13.609 (mais de 37 por dia).

Mas, a fazermos fé nas estatísticas, teríamos de concluir que a maior percentagem sucumbiu de velhice. E isto num país em que a média de vida é das mais baixas! Que se esconde então por detrás das 13.828 mortes (cerca de 38 por dia) incluídas em «senilidade sem menção de psicose e causas mal definidas e desconhecidas»? Nesta designação incluem-se fundamentalmente todos quantos morrem sem qualquer assistência médica! AQUILO DE QUE MAIS SE MORRE EM PORTUGAL É, POIS, DE FALTA DE ASSISTÊNCIA!

CES PCP

Perigos da Aliança com a Alemanha Ocidental

Na inauguração em FERREIROS, perto de BRAGA, da fábrica alemã GRUNDIG — o secretário do Estado da Indústria afirmava, com o seu despudor de lacaio do imperialismo: «A República Federal Alemã é o nosso principal fornecedor e está a consolidar essa posição cada vez mais».

Esta afirmação de um dirigente fascista tem a sua comprovação real. Segundo os dados do relatório das Contas públicas de 1965, a Alemanha Federal exportou para o nosso país o ano passado, mercadorias no valor de 4 milhões 292 mil contos e importou produtos nacionais no valor de 1 milhão 308 mil contos.

Mas o traço do domínio alemão sobre a economia portuguesa não se exprime apenas no défice de 2 milhões 894 mil contos. Os operários portugueses que trabalham na GRUNDIG ganham em 8 horas o que os operários alemães desta empresa ganham numa hora de trabalho.

No ano em curso instalaram-se no nosso país, além da GRUNDIG, novas empresas alemãs. Entre a RUHRGLASS e a empresa industrial BARBOSA & ALMEIDA foi estabelecido um acordo para a instalação de uma nova unidade fabril na QUINTA DO OUTEIRO, em AVINTES, destinada ao fabrico do vidro. Capitais alemães irão proceder à exploração da pesca no arquipélago de Cabo Verde. Capitais alemães financiaram a construção da SIDERURGIA NACIONAL, participam na PETROQUÍMICA, nos NITRATOS DE PORTUGAL; erguem a fábrica de camiões MAN e ATKISON, em TORRES NOVAS, instalam a indústria de películas fotográficas, radiográficas e de filmes através da TURAPHOT PORTUGUESA, fazem parte da EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELÉCTRICA, financiam o plano de rega do Alentejo, a construção dos aeroportos de Lisboa, Porto, Faro e Funchal.

O domínio económico da República Federal Alemã é acompanhado do domínio político e militar. As fábricas de material de guerra portuguesas fabricam 3 milhões de contos de armamento ligeiro para os militaristas de Bonn. Do orçamento do Estado saíram no ano transacto 600 mil contos para financiar a construção da BASE AÉREA DE BEJA, onde se irá fixar inicialmente uma guarnição alemã de 5 mil homens e se procederá ao treino de aviões supersónicos «Starfighter», cujos vôos rasantes têm sido motivo de escândalo no parlamento alemão, pelos constantes acidentes que provocam.

As declarações públicas dos dirigentes salazaristas e dos representantes do militarismo alemão revelam o grau das relações que se estabelecerem entre os que trabalham em Bonn para dilatar as fronteiras da Alemanha revanchista e os que, em portugal, tudo fazem para transformarem a guerra colonial num novo fulcro de um conflito mundial, chamando à participação em África as potências aliadas da NATO.

A política alemã dos círculos militaristas põe em perigo a paz mundial, é um factor de perturbações na Europa. Os dirigentes salazaristas ligarem Portugal à política agressiva de Bonn, cederam-lhe um apoio militar importante não só através da NATO, mas pela existência da base aérea de Beja e de outros compromissos que lesam a independência do país e são uma séria ameaça à integridade e soberania nacionais. Estes factos surgem como elementos de preocupação e de luta do povo português e das forças democráticas.

Mas a política colonialista do fascismo e a guerra colonial são, por si, uma nova ameaça à paz mundial, um perigo permanente que pode acender um conflito internacional. Esta política é sòlidamente apoiada e estimulada pelos círculos dirigentes da Alemanha Ocidental.

Graves perigos pesam sobre Portugal e sobre as nações do mundo, gerados pela aliança tecida na sombra e visando sinistros desígnios de que são participantes o governo revanchista da Alemanha Federal e o governo fascista de salazar.

À classe operária de Portugal e da Alemanha, às suas forças democráticas e defensoras da paz, coloca-se a pesada e gloriosa tarefa de pôr termo aos planos agressivos da reacção dos dois países, de contribuir para fazer triunfar a causa da paz e da coexistência pacífica entre as nações.

contra as guerras coloniais

AS DESERÇÕES CONTINUARÃO

Desde que começaram as criminosas guerras coloniais, levadas a cabo pelo fascismo salazarista, elevado número de soldados e oficiais tem desertado das fileiras do exército colonialista, na metrópole ou já nos campos de batalha, individual ou colectivamente. É bastante grande também o número de jovens que foge mesmo à inspecção e à incorporação. Estas deserções são uma condenação por parte da juventude portuguesa, das guerras coloniais e verificam-se ao apelo do Partido Comunista, que sempre condenou o domínio colonial e as guerras de subjugação colonial ou imperialista.

O governo de Salazar tem feito tudo para impedir as deserções: promove campanhas de mentalização nos quarteis; promete a distribuição de pequenas parcelas de terra aos soldados que se disponham a fixar-se nas colónias depois de cumprido o tempo de serviço nas mesmas; faz com que os soldados regressados sejam preferidos em empregos. O governo fascista tudo tem feito para recuperar os desertores: pedindo a extradição dos que emigraram clandestinamente; promovendo a sua caça por todas as formas no interior do país; publicando avisos nos jornais (omitindo o facto de serem desertores) para que se apresentem nas respectivas unidades «a fim de tratarem assunto de seu interesse».

Por ocasião da comemoração do 28 de Maio deste ano, o governo salazarista incluiu os desertores no número dos abrangidos por uma amnistia a militares, desde que se apresentassem voluntàriamente até ao fim do ano corrente, prazo mais que suficiente, sem dúvida, para ser aproveitado se alguém o desejasse. Porém, o povo português vai adquirindo cada vez mais a consciência do carácter criminoso das guerras coloniais e convencendo-se de que «não pode ser livre um povo que domina outros povos». Por isso, é cada vez maior o número de jovens que diz «não!» à guerra colonial; por isso é cada vez maior o número de mães que aconselha os filhos a não serem assassinos dos jovens africanos, trabalhadores como eles, sacrificados e explorados pelos mesmos que, em Portugal ou nas colónias, são os donos das fábricas e dos campos. Por isso, em vez de diminuírem, as deserções aumentarão. E o Partido Comunista Português continuará a lançar a palavra de ordem: JOVENS, RECUSAI-VOS A COMBATER OS POVOS COLONIAIS! JOVENS COMUNISTAS, ORGANIZAI DESERÇÕES COLECTIVAS!

ENTREVISTA COM UM DESERTOR

X

O jovem que temos na nossa frente desertou com mais oito companheiros. Interrogamo-lo: Por que te recusaste a participar na guerra colonial?

— Muito simplesmente porque as circunstâncias me permitiram descobrir o que se esconde por detrás das patrioteiras expressões de que os fascistas e colonialistas fazem largo uso. Os oficiais diziam-nos que íamos defender a Pátria. E eu perguntava a mim mesmo considerando o sacrifício da vida que nos exigiam: Mas onde está a minha Pátria? Em Portugal ou nas colónias? A Portugal ninguém ameaça. Devo eu morrer por Angola? Que interesses tem ali o povo português?

E quando os oficiais nos diziam que sem as «províncias ultramarinas» o nosso povo estava condenado à miséria eu tinha presente o sofrimento e a miséria que vai de lés-a-lés do país, apesar de termos há séculos as colónias. Que interesses tem o nosso povo em Angola? Que minas explora na Guiné? A imensa maioria dos habitantes de Moçambique não são portugueses, mas africanos que aí nasceram, muitos dos quais nem sequer falam a nossa língua.

E pouco a pouco fui descobrindo que aqueles que falavam da defesa da Pátria nunca falavam no povo. Para eles a Pátria são os interesses dos verdadeiros donos das colónias, dos poderosos capitalistas que nada têm a ver com o povo, mas dele se querem servir nos momentos em que estão em jogo os seus interesses, como agora sucede.

— Tu desertaste porque achaste que a guerra não serve os interesses do povo mas...

— ...dos poderosos da nossa terra, dos que são também responsáveis pela miséria e atraso do povo e querem manter escravizados os povos das colónias, como mantêm escravizado o nosso povo.

Conheço o suficiente da vida do país e de acção do governo, para saber que aqueles que negam a liberdade, o direito ao pão e a uma vida sem miséria não podem levar para África uma situação melhor do que aquela que desgraçadamente se vive em Portugal. Não podem estar a defender a Pátria em África e a oprimí-la e explorá-la na Europa.

Hoje tenho bem a consciência de que a causa que provoca esta guerra é a causa do colonialismo, é a causa de meia dúzia de capitalistas que possuem grandes interesses em África.

— Mas os teus camaradas tinham também a consciência de que iam ser sacrificados aos interesses de meia dúzia de capitalistas? Que iam ser sacrificados à causa do colonialismo?

— Sim. Posso dizer que tinham consciência de que esta guerra é injusta e nada tem que ver com a defesa da Pátria, mas com os interesses dos grandes capitalistas. Por isso protestavam, destruindo os armários da caserna, partindo as camas, desobedecendo às ordens dos oficiais. Mas falta-lhes consciência política. Falta-lhes quem os oriente. A sua acção pode ir mais longe. É a nossa vida que está em jogo e quando temos a noção do que queremos não nos deixamos levar fàcilmente ao matadouro, por muita pressão que façam sobre nós os oficiais.

Lutemos e revoltamo-nos. Desertemos. Combatemos esta Guerra.

— O que pensas que devem fazer os democratas para ajudar os patriotas de Angola, Guiné e Moçambique, que lutam de armas na mão contra o colonialismo?

— Penso que a melhor ajuda que se pode prestar aos patriotas africanos é levar o nosso povo a derrubar o governo e instaurar a democracia. O governo que se organizar deverá assinar imediatamente a paz e reconhecer o direito desses povos à independência. Quem pode ter dúvidas de que esta é uma solução justa?

Mas não podemos descançar até ao momento em que a paz seja assinada. Os soldados não devem continuar a servir de instrumento desta guerra, sacrificando-lhe as suas vidas.

Afigura-se-me necessário aumentar os protestos nos quarteis, as deserções colectivas dos soldados, as acções das famílias nos cais de embarque e nas estações de caminho de ferro, desenvolver a luta do povo contra a guerra.

Afigura-se-me necessário aumentar a solidariedade aos patriotas africanos e fortalecer a luta geral contra a guerra colonial.

Da luta de todos, do esforço de todos resultará o triunfo da justa causa da paz e da independência dos povos.

Campanha nacional e internacional vitoriosa

JOSÉ VITORIANO EM LIBERDADE!

Preso em 1953 e com a pena cumprida desde 1957 só agora saíu em liberdade José Vitoriano. E se saíu deve-o à grande campanha nacional e internacional que exigia a sua libertação imediata. Às inúmeras vozes portuguesas que lutavam pela liberdade de Vitoriano, juntou-se a da poderosa Federação Sindical Mundial e a dos Sindicatos operários de quase todo o mundo.

Uma das maiores campanhas pela libertação dum preso político português acaba de sair vitoriosa. Ela deve dar novas forças a todos os que se batem pela amnistia em Portugal, para que sejam arrancados às mãos sangrentas de Salazar e da PIDE todos os presos políticos anti-salazaristas.

A 3ª Conferência Americana pela Amnistia aos Presos Políticos Portugueses (a 1ª realizou-se em S. Paulo, em 1960, e a 2ª em Montevieu, em 1961) recebe assim um grande estímulo. Toronto, no Canadá, será em Outubro o centro do grande movimento mundial em favor dos anti-fascistas portugueses presos. Desde o Reverendo Kimball, da Igreja Unida, que preside ao Comité Preparatório, até aos representantes da Federação dos Trabalhadores de Quebec e da Confederação dos Sindicatos Nacionais, são muitas e importantes as personalidades patrocinadoras desta Conferência. Levemos até eles a voz dos democratas portugueses, das famílias dos presos, de todos quantos em Portugal se batem pela libertação dos presos e contra a repressão fascista.

É urgente libertar Sofia Ferreira, presa desde 1959, com a sua pena já terminada e doente. É preciso salvar Afonso Gregório, José Magro, Augusto Lindolfo, José Carlos, Agostinho Saboga, António Santo, gravemente doentes. É necessário arrancar às famigeradas «medidas de segurança» os inúmeros presos que a PIDE condenou à prisão perpétua.

A libertação do nosso camarada José Vitoriano mostra que novas vitórias são possíveis. Alarguemos o movimento nacional e internacional pela libertação dos presos políticos. Exijamos, cada vez mais numerosos: AMNISTIA!

Toda a correspondência para a Conferência de Amnistia deve ser dirigida para PORTUGUESE CANADIAN DEMOCRATIC ASSOCIATION 322, Bathurst Street, Toronto 28 — ONT. CANADÁ

Vêm ai as vindimas...

O PROBLEMA DO VINHO

Portugal tem mais de 9 milhões de habitantes. Destes, mais de 1.250.000 (cerca de 15%) vivem total ou parcialmente da viti-vinicultura. A vinha ocupa 350.000 hectares, ou seja, 8,5% da área agrícola total e cerca de 3,9% da superfície do País. No período de 1959 a 1963, o seu rendimento representou, em média, 14,34% do rendimento bruto do conjunto agricultura-silvicultura-pecuária. Em 1964, Portugal foi o 4º. produtor mundial de vinho, depois da Itália, França e Espanha, com 12 milhões de hectolitros. No entanto, em 1965 produziu 14.725.000 hectolitros e, em 1962, máximo atingido, foi além dos 15 milhões. O problema do vinho, a crise da viti-vinicultura, é, pois, um problema de interesse nacional.

Que tem feito o governo fascista para o resolver? Os pequenos e médios produtores debatem-se há anos com uma tremenda crise. As contribuições e os impostos subiram extraordinàriamente. Os preços dos adubos, dos fertilizantes, do sulfato de cobre, dos pesticidas, produzidos pela Cuf e suas associadas, são vendidos a altos preços de monopólio e sobem de ano para ano.

Sem protecção, os pequenos e médios produtores veêm-se forçados a entregar-se nas mãos dos grandes armazenistas e especuladores, vendendo ao desbarato, a preços não compensadores o produto de um ano inteiro de trabalhos e canceiras, pois a Junta Nacional do Vinho, criada a pretexto de servir os interesses da vinicultura, mas onde estão encaixados e mandam como donos e senhores os grandes armazenistas (os C. Vinhas; os Domingos Barreiro; os Pereira da Fonseca; os Caldeiras; os Camilo Alves; os Carvalho, Ribeiro & Ferreira; etc.), quando intervem é tarde e a más horas, com preços que não satisfazem o produtor e garantindo apenas a compra de uma pequena parte da produção.

Há 2 anos, para arranjar mais dinheiro com que fazer face às fabulosas despesas com as criminosas guerras coloniais, o fascismo decretou o imposto de mais $40 sobre cada litro de vinho.

Quando o produtor, para se defender e dar saída ao seu vinho, resolve vendê-lo directamente ao público, lá vão logo cobrar-lhe os $10 para a Junta, mais os famigerados $40 e uma série de outras alcavalas, como se comerciante fosse.

Cada vez mais arruinados, hipotecando primeiro e vendendo depois aos grandes agrários, aos capitalistas, aos usurários, aos Bancos, os pequenos e médios produtores vão sendo desapossados das suas terras, apressando-se assim o emparcelamento a favor dos grandes que o governo há anos decretou.

PEQUENOS E MÉDIOS VINICULTORES, ORGANIZAI-VOS E LUTAI contra o fascismo, contra as suas leis, contra os seus organismos corporativos. UNI-VOS EM DEFESA DOS VOSSOS INTERESSES! Só vós o podeis fazer. Convosco, está o Partido Comunista que, no seu Programa, reclama uma Reforma Agrária que exproprie os latifundiários e entregue a terra a quem verdadeiramente a trabalha!